

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE MEDICINA

GUILHERME DE OLIVEIRA ALVES

ONIROS: minha trajetória na Medicina UFSCar

SÃO CARLOS -SP

2020

GUILHERME DE OLIVEIRA ALVES

ONIROS: minha trajetória na Medicina UFSCar

Trabalho de conclusão de curso
apresentada ao Departamento de
Medicina da Universidade Federal
de São Carlos, para obtenção do
título de bacharel em medicina.

Orientador: Felipe Santos de Carvalho

São Carlos-SP

2020

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde

Programa de Graduação em Medicina

Folha de aprovação

Assinatura dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou o trabalho de conclusão de curso do candidato Guilherme de Oliveira Alves:



Prof. Felipe Santos de Carvalho

Universidade Federal de São Carlos

AGRADECIMENTOS

Em um país tão desigual como o Brasil as chances que o filho de uma professora de ensino infantil e um policial militar tem de se formar médico em uma universidade pública são ínfimas, quase um conto de fadas, mas parece que posso então me colocar próximo à Cinderela, Branca de Neve e outras figuras que atravessaram tantas gerações através do imaginário popular, permeando o campo dos sonhos, pois por mais incrível que possa parecer (e eu mesmo ainda não terminei de processar essa informação), é a situação na qual me encontro.

Mas não foi sozinho que cheguei aqui, afinal apesar de ter abordado a temática dos contos de fada, não somos tão ingênuos a ponto de acreditar em algo como meritocracia, não é mesmo?

Não, se eu pude chegar aqui foi porque muitas e muitas pessoas me deram oportunidade e apoio em diversos momentos da minha vida. De início não teria como não falar diretamente da Dona Cristina, mulher guerreira, de riso fácil e marcante (ou melhor dizendo, gargalhada), meu exemplo na vida, mãe solo de duas crianças que nunca deixou de se esforçar ao máximo para nos educar da maneira mais correta, nos oferecendo tudo o que estava ao seu alcance e que soube ouvir conselhos sábios quando lhe foram passados: a educação é o melhor investimento. E ela fez questão de me oferecer a educação de qualidade que me abriu muitas tantas portas.

Seu Claudio é outra figura que sempre foi um dos meus nortes na vida. Acho que ele mesmo não sabe o quanto a imagem dele sempre foi um modelo de integridade e responsabilidade para mim, desde criança fui fascinado pela presença calma dele que impunha tanto respeito sem precisar falar nada.

Essas duas figuras são os alicerces de quem eu sou hoje, e tento sempre colocar em prática todas as qualidades que cresci admirando nos dois.

Não posso deixar de citar todos os mestres que tive na vida, desde meus professores da época do ensino fundamental aos do ensino superior. Sou muito agraciado por ter partilhado do conhecimento que tantas dessas pessoas me ofereceram, e não apenas ensinamentos na qualidade de pedagogos, mas ensinamentos para a vida.

Nunca me esquecerei do Carlos que durante tantos anos fez a simples atitude de me levar de carona para a escola. Parece pouco, mas para mim era muito, gostaria que você pudesse estar aqui para que eu pudesse agradecê-lo pessoalmente.

Ao Bruno e sua família, que me ofertaram uma bolsa de estudos em sua escola e quando me encontrei em situações nas quais mesmo com os descontos não era capaz de pagar as mensalidades vocês tinham a reação paradoxal de aumentar ainda mais minha bolsa, chegando ao ponto de me fornecerem bolsa integral ao final do Ensino Médio.

Gostaria de agradecer também à Érika, que me acompanhou por tanto tempo, Marcos, Maykon, Gabriel, Alexandre e Danilo, meus eternos maridos, Renata, Nilson, Mayra, Aurora, Laura, Caio, Higor... poderia escrever páginas e páginas remetendo a todas as pessoas que pela simples existência em minha vida permitiram que eu chegasse aqui e que eu pudesse ser quem eu sou, pessoas que fazem isso tudo fazer sentido.

A todos vocês eu agradeço.

RESUMO

Essa narrativa aborda como foi minha passagem pelo curso de medicina da UFSCar, pontuando minhas dificuldades, atividades que participei e como isso me afetou, contribuindo para que eu chegasse onde estou hoje, próximo ao término de minha graduação e sendo base para como continuarei me desenvolvendo a partir de então.

Palavras-chave: Medicina. Vivências.

ABSTRACT

This narrative tells about how was my passage through the Medicine course at UFSCar, pointing out my struggles, activities that I joined and how it affected me, contributing in order for me to be where I'm at today, close to the end of my graduation and being the foundation to how I will continue my development from now on.

Keywords: Medicine. Experiences.

LISTA DE ABREVIATURAS

UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
CAMSA	Centro Acadêmico Medicina Sérgio Arouca
COVID-19	<i>Coronavirus Disease 2019</i>

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 PRIMEIRO CICLO	10
3 O DIA DA MARMOTA	15
4 SEGUNDO CICLO	17
5 TERCEIRO CICLO	19
6 ATIVIDADES EXTRACURRICULARES	21
7 ADVERSIDADES	23
8 CONCLUSÃO	25
9 REFERÊNCIAS	26

1 INTRODUÇÃO

Assim como a maioria das crianças, ao longo da minha primeira infância eu me imaginei realizando diversas profissões quando adulto: policial, artista plástico, arquiteto, entre outras. Porém, foi em 2006, quando eu tinha apenas 12 anos que eu me vi realmente arrebatado por algo que eu gostaria de fazer pelo resto da minha vida.

O grande disparador para isso foi minha professora da disciplina de Ciências. Havíamos estudado vírus e bactérias naquele início de semestre e ela nos passou um trabalho no qual deveríamos falar sobre três doenças virais e três doenças bacterianas. Eu simplesmente não fui capaz. Meu problema não foi ter de falar sobre as doenças, a minha dificuldade era escolher apenas três de cada. Todas me pareciam tão interessantes e incríveis que eu me vi entregando a lição de casa com onze doenças de cada tipo e triste pelo fato de as outras lições não serem como aquela.

No ano seguinte foi a primeira vez em que estudei o corpo humano na escola e tive um sentimento parecido, eu lia enciclopédias que falavam sobre o corpo humano por pura curiosidade e sem querer acabava estudando para a disciplina. Não demorou muito para que eu pensasse em uma profissão que me permitiria conciliar o estudo de doenças e do corpo humano.

Vários anos depois aqui estou elaborando este Trabalho de Conclusão de Curso em acordo com as diretrizes do Projeto Pedagógico do Curso de Medicina da UFSCar. Nele eu faço uma narrativa crítico-reflexiva a respeito da minha formação, com ênfase na prática profissional e abordo cronologicamente os três ciclos, a partir dos quais está organizada a estrutura pedagógica do curso de medicina; trato das atividades extracurriculares desenvolvidas ao longo de minha formação e o falo diretamente dos eventos maiores que interferiram de forma negativa nessa trajetória.

2 O PRIMEIRO CICLO

O primeiro ano da graduação em Medicina da UFSCar costuma causar forte impacto nos ingressantes. Muitos já possuem uma noção de que o curso é estruturado de forma não tradicional, utilizando-se de metodologias ativas de ensino, porém uma boa parcela dos alunos recém-chegados não investigou tanto sobre o projeto do curso e são surpreendidos por uma abordagem do processo de aprender que é muito diferente de tudo o que já vivenciaram. Eu pertencia ao último grupo.

Quando me tornei um aluno de medicina em 2012, com 18 anos recém completados, tudo com o que estava me deparando era novo. Uma nova cidade, com novas pessoas (sendo que nunca tinha visto nenhuma delas anteriormente) e em um curso que logo de início me privou da minha maior facilidade enquanto aluno até então: eu era muito bom em assistir aulas.

Durante minha formação prévia no Ensino Fundamental e Médio sempre tive muita facilidade em aprender o que os professores me transmitiam diretamente através de aulas. As palavras e significados rapidamente faziam sentido e ficavam bem estabelecidas na minha memória, me dando a possibilidade de, mesmo sem grandes esforços, ter um ótimo desempenho escolar e até mesmo passar em uma universidade federal.

A graduação me colocou totalmente fora dessa zona de conforto, pois não mais eu tinha uma figura portadora de conhecimento que iria transmiti-lo diretamente a mim. A partir de agora eu estava numa posição na qual teria que ativamente ir atrás de fontes e a partir delas estruturar minha base de conhecimento para poder apresentar nas discussões do curso.

De início a atividade que mais me chamou a atenção foi a Situação Problema, a primeira que temos contato e começamos a trabalhar nos formatos de pequeno grupo. Por ser uma atividade de base mais cognitiva, acaba sendo a que a maioria dos alunos direcionam maior esforço.

É marcante como que sempre vi essa atividade como o local para acumular conhecimentos teóricos e formar uma bagagem para que eu pudesse chegar à prática com um arsenal de diagnósticos e raciocínios já estruturados. Hoje, olhando para o passado, vejo a atividade como um dos momentos em que mais desenvolvi minha capacidade de dialogar com os demais componentes do meu grupo, sabendo respeitar momentos de fala e identificando espaços para me inserir de forma fluida na discussão, dando continuidade na argumentação, não apenas interrompendo um fluxo de pensamento para poder me colocar. A estrutura também permitiu que desenvolvesse um olhar crítico sobre as informações que recebia, inicialmente acerca das fontes de meus colegas, quando diferiam das minhas, e posteriormente acerca das minhas próprias fontes, de forma a melhorar a qualidade dos materiais que passei a utilizar como fonte. De todas as habilidades que desenvolvemos no curso, acredito que a que sempre exalto mais é a do olhar crítico.

A capacidade de gerar dúvida sobre a informação que chega ao mesmo tempo que me transformou em uma pessoa “chata” e cética, permitiu que eu me aprofundasse muito mais em diversos assuntos. Hoje em dia é cada vez mais comum me encontrar em situações nas quais estou assistindo uma palestra e ao receber um dado ou ouvir uma fala sobre o tema abordado os meus primeiros pensamentos sejam “Mas de onde que ele tirou isso?”, “Qual a validade desse estudo?”, “Isso pode ser aplicado em qualquer cenário ou apenas nesse específico?”, “Muito interessante! Preciso estudar melhor esse assunto”.

Essa capacidade de raciocínio crítico é algo que se insere tão fortemente na nossa forma de pensar que se expande não apenas ao momento de estudo ou na prática clínica, mas também no dia a dia, com relação às notícias e informações com os quais somos bombardeados. Em momentos como o que vivenciamos agora, de disseminação massiva de notícias falsas, uso constante de argumentos falaciosos e uma onda de descrença na ciência e seus métodos para podermos agir de forma racional, essa capacidade crítica tem se tornado cada vez necessária e sempre me orgulhei de dizer que o método ao qual fui exposto na graduação incentivou e trabalhou essa competência.

Após esse primeiro contato com a Situação Problema, vim a passar por outra das três atividades que fundamentam o curso, a Estação de Simulação. Seu objetivo é o de fazer com que desenvolvamos as habilidades necessárias para colher uma história clínica completa e estruturada, assim como realizar um exame físico adequado, em um ambiente protegido, sob o olhar de um professor e com um paciente simulado.

Olhando para trás me fica cada vez mais evidente que ao entrar no curso a maioria de nós alunos somos extremamente ineficientes em coletar informações, basicamente não sabemos conversar. Durante o primeiro ano do curso eu sinto que esse foi o ponto que mais foi trabalhado com meu grupo, a habilidade de saber ouvir o que o paciente relata e utilizar os “ganchos” em sua fala para nos aprofundarmos nas informações relevantes ao raciocínio diagnóstico sem conduzir completamente a anamnese, mas também sem deixar que o paciente entre em um diálogo prolixo e que fuja ao foco da consulta.

Outro ensinamento que obtive já tão cedo no curso foi sobre a importância de refletirmos sobre a individualização do cuidado e perceber que nem sempre uma medida que em geral seria benéfica irá se aplicar para um determinado paciente e como devemos nos atentar para não tomar condutas que possam ser prejudiciais à qualidade de vida de quem está sob nosso cuidado.

O terceiro representante do tripé educacional do nosso curso é a Prática Profissional e foi extremamente aguardada por todos. Nela temos o primeiro contato com pacientes reais de Unidades de Saúde da Família de São Carlos, o que causava uma certa ansiedade por nos aproximar do que seria um ambiente de atenção em saúde, ou seja, o que estaríamos fazendo em nossas carreiras enquanto médicos.

Como diz o dito popular: “A expectativa é a mãe da frustração”. Eu e meus colegas de turma rapidamente ficamos decepcionados com a rotina que enfrentamos nesses primeiros meses de inserção na rede de saúde de São Carlos. A sensação era a de que não estávamos sendo de grande ajuda para os pacientes que visitávamos, que íamos à suas casas com uma frequência desnecessária e que éramos um peso a mais para as equipes das unidades nas quais estávamos inseridos. Hoje percebo que isso se deu por não sabermos na época reconhecer qual o real objetivo de nossa participação na prática profissional durante o primeiro e segundo anos do curso.

Não era esse um momento para clinicar, resolver grandes questões de saúde ou mudar o desenrolar do acompanhamento desses pacientes nas unidades (embora isso felizmente acontecesse com alguns desses casos), mas sim para que pudéssemos compreender quais são as características pertinentes a cada momento do ciclo de vida. Como seríamos capazes de pensar nas especificidades da conduta médica para um homem idoso sem ter contato próximo com alguém nesse momento? O mesmo se aplica para uma mulher adulta, um adolescente, um lactente, entre outros. Minha vivência pessoal prévia ao curso é limitada, assim como a de meus colegas, portanto seria muito difícil conseguir me relacionar com tantas sutilezas de etapas da vida de um ser humano que eu não pude vivenciar se não houvesse ao menos uma exposição direta a pessoas passando por esses momentos.

A Reflexão da Prática era o momento que melhor permitia que adentrássemos nessas nuances de cuidado relativo a cada ciclo de nossa experiência em vida e possibilitou um importante aprendizado que dá sentido à nossa inserção tão precoce no cenário de Prática Profissional.

A partir do segundo ano de graduação nossos enfoques nas atividades começaram a mudar e de um modo geral todas as atividades passaram a ser mais interessantes.

Nas Situação Problema, as temáticas que no primeiro ano costumavam girar em torno de como como era o comportamento e estruturas do corpo e mente humana em seu estado de saúde passaram a abordar agora processos patológicos e a resposta de nosso organismo a essas ofensas.

Na Estação de Simulação, evoluímos para pacientes que agora apresentavam queixas bem direcionadas, nossa anamnese passou a ser bem mais estruturada e padronizada e o exame físico incorporou os diversos sistemas que costumamos usar para dividir nosso organismo.

Na Prática Profissional, a estrutura de trabalho continuou semelhante, com as visitas domiciliares e a compreensão do funcionamento da Atenção Básica, mas como o número de pessoas que acompanhávamos aumentava cada vez mais havia menos sensação de estar fazendo visitas desnecessárias, uma vez que a alternância de visitas passa a ser mais espaçada com um número maior de pessoas que acompanhávamos.

Pois foi nesse momento de final de segundo ciclo que a mim se evidenciou meu segundo grande obstáculo no curso. O primeiro havia sido a adaptação à metodologia ativa de estudo, o segundo foi a organização do registro de meus estudos no formato de portfólio.

Sempre fui avesso a ter que escrever. Além de ser lento para fazer resumos de meu estudo, me sentia mais confortável nas discussões ao falar informações que haviam se fixado na minha memória durante meu estudo do que quando eu buscava em um resumo essas mesmas informações, que estavam mais completas e detalhadas, mas a mim me parecia que minha própria participação na discussão ficava mais truncada, além de que aumentava em muito o tempo de meu estudo individual, uma vez que eu não estava apenas lendo as informações, mas também as processando e descrevendo de forma mais sintética de acordo com meu entendimento.

O resultado final era bem mais satisfatório quando realizava o registro de meus resumos, a sedimentação de conhecimento era bem mais eficiente, até porque os instrumentos de aprendizado que eu acabava utilizando se tornavam mais complexos, porém isso não mudava dois fatores: eu realmente não gostava de passar esse tempo escrevendo e muitas vezes eu não conseguia me organizar para ter esse tempo, muitas vezes me deparando em situações em que eu via como possíveis soluções ou fazer um estudo mais completo e sedimentado, porém sem abordar todos os temas que haviam sido propostos para discutirmos em nossa atividades ou então conseguir estudar todos os temas, mas às custas da confecção dos resumos.

Não demorou para que eu percebesse que era mais confortável para mim seguir sem fazer os resumos, mas essa mesma atitude implicou o fato de meu portfólio ficar cada vez mais incompleto, uma vez que por mais que eu participasse das discussões em grupo, não havia registro físico desse meu estudo e no cenário de Prática Profissional esse era um agravante ainda maior, pois o docente facilitador da Reflexão da Prática, por mais que me acompanhasse nas discussões de grupo, não estava inserido na minha unidade e não conhecia os pacientes que eu acompanhava. Seu principal contato com minha participação na Prática Profissional era indireto através de meu portfólio (aquele que se encontrava incompleto).

Como resultado disso, me encontrei em uma situação na qual ao final do ano letivo eu precisava em poucas semanas organizar e registrar dois anos de prática profissional. Com pesar e uma dose de humor depreciativo posso dizer que falhei miseravelmente. Devido à isso, minha facilitadora da Reflexão da Prática se encontrou sem ferramentas para poder avaliar minha participação e, portanto, teve de estabelecer um conceito insatisfatório de meu desempenho, acarretando em eu ter de repetir o segundo ano do curso.

Quando recebi essa reprova eu já me encontrava com a matrícula do curso trancada devido a minha aprovação para participar do programa de intercâmbio Ciência sem Fronteiras, portanto o ano seguinte, 2014, dediquei a

essa experiência e fui lidar com as consequências de ter reprovado apenas ao retornar ao Brasil, em 2015.

3 O DIA DA MARMOTA

Meu retorno às atividades do curso se deram em um contexto que me afetaram muito no nível emocional. De início, na transição do Ensino Médio para o Superior eu me deparei com a mudança de um cenário no qual eu era reconhecido como o aluno com melhor desempenho escolar para um novo contexto universitário no qual eu era mais do mesmo, um aluno mediano quando comparado com meus colegas de turma. Agora eu passava por uma nova situação na qual eu nem mais me via como um aluno mediano, a reprova me colocava como alguém abaixo da média e gerou um quadro em que passei a gastar muita energia mental me culpabilizando por isso, por não ter desenvolvidas as ferramentas para lidar com esse luto que sentia pela morte da imagem que tinha de mim mesmo até muito recentemente.

Além de lidar com esses sentimentos de culpa, eu me vi novamente tendo que me inserir em uma turma de alunos na qual eu não conhecia ninguém (afinal eles ingressaram no curso no ano no qual eu estava em intercâmbio) e os grupos sociais já estavam estabelecidos, o que sempre dificultou minha capacidade de me enturmar (certas habilidades sociais nunca foram meu forte).

Somando-se a isso havia o fato de que como consequência de estar repetindo o segundo ano da graduação eu me deparei com o triste cenário de estar vendo as mesmas temáticas que havia tido contato no ano anterior, repetindo conteúdos e sendo privado de um dos meus grandes prazeres nas sínteses provisórias que era a tentativa de montar um raciocínio clínico a partir apenas de nosso conhecimento prévio e deduzir corretamente como se davam os processos de resposta patológica que encontrávamos nas Situações Problema ou qual o diagnóstico do paciente simulado na Estação de Simulação a partir dos dados que havia conseguido colher. Como eu já havia passado por essas atividades no ano anterior, não havia surpresas e sem essa expectativa de desvendar esses pequenos aspectos das atividades eu perdia uma boa parte da minha motivação também.

Essa somatória de fatores fez com que ao longo do semestre minha saúde mental se deteriorasse progressivamente, pois com a perda de motivação eu me tornava menos propenso a realizar um bom estudo, o que me fazia menos participativo nas atividades e mais desconfortável durante as mesmas, culminando em uma desmotivação ainda maior que levou a faltas, sendo que o estudo mais pobre e as faltas nas atividades geraram um sentimento de culpa aumentado que me deixou ainda mais desmotivado, me fazendo entrar em um sistema de retroalimentação positiva, uma bola de neve, na qual eu não conseguia escapar e me vi em uma situação de baixa frequência e mau desempenho nas discussões em que comparecia, que culminou em que ao final do primeiro semestre de 2015 eu precisei trancar minha matrícula para não reprovar por falta.

Devido à estrutura anual do curso, eu somente teria como retomar minhas atividades no início do ano seguinte, então pude dedicar o segundo semestre de 2015 a compreender melhor os processos mentais pelos quais eu estava passando e como lidar com os mesmos.

Pois 2016 chegou e com ele meu retorno (novamente) às atividades do curso. Com isso, eu me via iniciando o segundo ano do curso de medicina pela terceira vez, tendo de me inserir em uma nova turma na qual eu pouco conhecia as pessoas, tendo de mais uma vez passar pelas atividades que já conhecia e que não mais traziam surpresa alguma (à exceção de uma ou duas situações problemas que haviam sido substituídas). Eu me sentia preso em um *loop* do mesmo ano letivo à semelhança do famoso filme “Feitiço do Tempo” (“Groundhog Day”), no qual o personagem principal se encontra vivendo o mesmo dia todos os dias sem saber como acabar com essa situação.

Porém, eu nesse ano já me encontrava melhor em relação à saber como lidar com minhas dificuldades e comportamentos de autossabotagem, assim, por mais que eu perdesse energia e ficasse mais abatido conforme o semestre progredia, fui capaz de me recuperar e me manter nas atividades, algo que eu muito tenho a agradecer aos docentes que estavam em meus grupos e me auxiliaram a ver que eu tinha capacidade de finalizar minhas atividades.

Dessa forma, após um não planejado prolongamento, cheguei definitivamente ao final do meu primeiro ciclo na graduação.

Hoje consigo perceber que apesar da dificuldade que encontrei nesse período, foi também uma etapa importante do meu processo de amadurecimento, ainda mais levando em conta o quão “cru” eu era ao entrar na graduação, e que muito do meu autoconhecimento e capacidade de autocrítica vem do processo todo que acabei passando nesses anos.

4 O SEGUNDO CICLO

Em 2017, iniciei o terceiro ano letivo do curso de medicina, me surpreendendo logo no início das atividades como me sentia mais leve e eufórico por estar novamente tendo a oportunidade de experimentar o “novo” dentro das atividades do curso e com isso vieram as novas características desse novo momento de aprendizado.

As discussões como um todo passaram a ocorrer de forma muito mais fluida e direta, se tornando mais produtivas, uma vez que os alunos membros dos pequenos grupos já estavam acostumados ao método de discussão.

As situações problema envolviam mais raciocínio clínico-diagnóstico, as simulações se tornavam mais específicas e com atendimentos que tinham de ser realizado de forma mais completa e em menor tempo, mas a grande diferença para a dinâmica de curso que eu tinha contato até então foi a Prática Profissional.

Estávamos agora não apenas em um contexto no qual o docente responsável pela Reflexão da Prática estava junto conosco nas unidades de saúde, mas também agora nossa carga horária na atividade era muito maior e distribuída nas áreas de Saúde da Mulher, Saúde da Criança e Adolescente, Saúde do Adulto e Idoso e Saúde da Família e Comunidade. Acompanhando essa nova divisão, veio o grande divisor de ciclos (na minha opinião): A partir desse momento éramos nós que realizávamos os atendimentos médicos.

Consigo me lembrar claramente do frio na barriga que sentia cada vez que me dirigia à porta do consultório para chamar o nome do paciente que iria atender, repassando mentalmente os pontos importantes da anamnese que não poderia esquecer.

Marcou-me muito a primeira paciente que atendi no terceiro ano: me encontrava na atividade de Saúde da Mulher, éramos em oito alunos no grupo, divididos em quatro duplas e tínhamos quatro pacientes agendadas para atendimento. Combinamos que nesse dia minha dupla seria responsável por conduzir o atendimento e eu a auxiliaria no que fosse necessário e nessa situação me senti aliviado de não ter que lidar com a condução da consulta, algo que havia realizado tantas vezes já nas simulações, mas que agora na prática tinha um peso muito diferente. Tudo ocorreu de forma tranquila, chamamos nossa docente para passar o caso e durante o exame ginecológico a enfermeira de nossa equipe abriu a porta do consultório e informou que havia acabado de chegar uma paciente que estava aos prantos e relatou que acabara de ter um aborto. A minha professora falou que teríamos que atendê-la, virou para mim e disse “encontre uma sala e faça o atendimento dela, me chame quando terminar”.

Durante longos dois segundos eu fiquei em estado de negação, sem conseguir entender como que eu tinha passado da situação de conforto de apenas auxiliar na consulta conduzida pela minha dupla para esse novo contexto

no qual em meu primeiro dia na Saúde da Mulher eu teria que atender uma paciente não agendada, chorando muito e que estava passando por uma situação tão complicada quanto um aborto. Para minha surpresa eu consegui conduzir a anamnese, acalmar a paciente, tirar a maioria de suas dúvidas e trabalhar boa parte das questões que apresentou. Após passar o caso para minha professora e encerrarmos as condutas, o que mais ficou ressoando em meus pensamentos foi um misto de perplexidade e prazer ao me dar conta de que tudo o que havíamos aprendido nos anos anteriores realmente nos capacitara para realizar o atendimento de pessoas reais e que sem que eu percebesse havia desenvolvido habilidades no trato com pacientes que até então eu desconhecia possuir. Parece que o curso realmente estava dando certo!

Ao longo do terceiro ano fomos cada vez mais nos acostumando com a lógica e as rotinas dos atendimentos, o que fez com que a transição para o quarto ano fosse bem mais tranquila do que as mudanças do primeiro para o segundo, ou do segundo para o terceiro, pois a dinâmica das atividades em muito se assemelhava com a que havia sido estabelecida no ano anterior.

O segundo ciclo me pareceu ser um momento voltado para o amadurecimento de raciocínio clínico e compreensão de como funciona a prática médica na rotina ambulatorial, nos colocando em um ambiente de atendimento no qual podemos pela primeira vez realmente perceber se é essa a escolha de carreira que pretendemos seguir ou não.

5 O TERCEIRO CICLO

Em 2019 iniciei o internato, momento da graduação no qual estamos em total inserção nos cenários de prática. As atividades de Situação Problema e Estação de Simulação deixam de ocorrer e cabe à Reflexão da Prática direcionar nossos estudos, sendo que nesse momento elas ocorrem ao mesmo tempo que a Prática Profissional. É nesse estágio do curso o momento no qual estamos mais próximos da prática de um médico formado, tendo domínio das consultas ambulatoriais e sendo responsáveis pela evolução de pacientes em leitos de enfermagem hospitalar.

Não me resta dúvidas de que esse é o momento do curso que mais gostei. A carga horária é bem maior do que a que tínhamos nos outros ciclos e o trabalho é bem mais extenuante. A carga de estudos também aumenta, com discussões diárias e uma responsabilidade maior sobre o cuidados dos pacientes. Porém, todo esse serviço e estudo se mostraram muito mais gratificantes do que os que eu tive nos anos prévios, além de que o contato constante com os pacientes de diferentes contextos sociais nos permite a possibilidade de nos mantermos empáticos e sensíveis à realidade do próximo, sendo conscientes de nosso papel social em quanto profissionais de saúde.

Nesse momento trabalhamos diariamente habilidades que até então ficavam em menor destaque, como a capacidade de interagir de forma harmônica com os demais profissionais de saúde, a percepção do momento de fragilidade dos pacientes e seus acompanhantes, saber quando e como transmitir cada informação e como pequenas atitudes e gestos nossos causam grande impacto aos pacientes.

Muitos conceitos são trabalhados conosco nessa etapa, mas me chama a atenção discussões que tivemos acerca de como devemos instrumentalizar nossos pacientes para que os mesmos possam ser ativos da condução de seus casos, atuando em conjunto com a equipe e fugindo de uma estrutura paternalista na qual o profissional médico se coloca como hierarquicamente acima do paciente e demais membros da equipe de cuidado, o que empobrece a qualidade do seguimento dessas pessoas e conseqüentemente de seus quadros de saúde.

Ao mesmo tempo, conforme me aproximo do fim do curso, percebo que não somos devidamente preparados para a inserção no mercado de trabalho. Aqui não falo do aspecto cognitivo e habilidades necessárias para um atendimento de qualidade. Falo sobre saber quais as possibilidades de trabalho, como identificar locais que oferecem melhores oportunidades de emprego, métodos para tirar melhor proveito de nosso tempo de serviço, regimes contratuais.

As informações sobre esses aspectos do trabalho costumam chegar aos recém-formados através de amigos, veteranos já formados, parentes, mas

difícilmente há espaços dentro do curso para uma discussão mais estruturada desses aspectos.

6 ATIVIDADES EXTRACURRICULARES

A vivência da universidade nos permite expandir nossas experiências para além do que concerne à graduação, abrangendo diversas outras atividades que moldam quem nos tornamos devido à influência que exercem sobre nós.

No meu primeiro ano de graduação, em 2012, tive contato com o programa de incentivo à pesquisa Jovens Talentos para a Ciência, que selecionou alunos de universidades federais para receber uma bolsa por realizar projetos que os aproximassem da iniciação científica e passei pela experiência de trabalhar ao longo de um ano no Departamento de Morfologia e Patologia com a coleta de plantas típicas do Cerrado e a cultura de bactérias endofíticas, com o intuito de tentar descobrir propriedades antimicrobianas nas mesmas. Foi algo que fez com que eu valorizasse ainda mais o método científico e me interessasse pela pesquisa dentro da universidade.

No segundo semestre desse mesmo ano comecei a acompanhar as atividades da Liga de Infectologia da UFSCar, que me permitiu ter um contato maior com a prática dessa especialidade médica, podendo entender melhor quais os temas pertinentes à área, as condutas e a rotina de um médico infectologista.

Em 2014 iniciei minha participação de um ano no programa Ciência sem Fronteiras, que me permitiu conhecer outro país e vivenciar o contexto universitário, em um ambiente totalmente novo para mim, no caso a Anglia Ruskin University, em Cambridge, no Reino Unido. Essa foi uma das experiências mais enriquecedoras que tive durante minha graduação e me colocou em contato com tantas culturas e locais diferentes ao mesmo tempo que fez com que cada vez mais crescesse em mim um amor de valorização das tradições e manifestações culturais dos povos brasileiros. Também me possibilitou perceber o quão alto é o nível de qualificação de nossa formação aqui na UFSCar, pois pude perceber o quão mais qualificados e mais aprofundados eram nossos estudos quando em comparação aos que eu tive contato durante minha estadia nas ilhas britânicas.

Porém de todas as atividades que pude realizar, creio que a que teve o maior impacto de todas foi a representação estudantil. No meu primeiro ano do curso, no início do segundo semestre eu fui a uma reunião do Centro Acadêmico Medicina Sérgio Arouca (CAMSA) pois queria entender melhor as pautas correlacionadas a uma paralisação que os estudantes do curso estavam organizando. Naquele espaço foi a primeira vez que me senti realmente confortável na medicina e passei a frequentar as reuniões. Não demorou para que fosse incluído na chapa que acabou por assumir a gestão no ano seguinte e, após o meu distanciamento do curso durante o intercâmbio, retornei a frequentar as reuniões como ouvinte e participando das discussões.

Devido às minhas experiências com reprovação e afastamento do curso, sempre me mantinha com receio de assumir novos compromissos além da

graduação, com medo de que não desse conta da sobrecarga e isso prejudicasse mais meu desempenho acadêmico, porém apesar de não incorporar as gestões eu estava sempre presente nas reuniões, participava dos debates e assumia demandas, não foi de se surpreender quando ao final de 2017 eu acabei por incorporar a chapa que assumiu a gestão 2018, somente deixando em 2019 porque a carga horária do internato não era compatível com também participar do centro acadêmico.

Nesse espaço, logo no início da graduação, pude conhecer pessoas cuja paixão pelo curso e a disposição para lutar por sua melhoria sempre me inspiraram e suas outras qualidades também me influenciaram a querer ser um profissional que olha além da doença e se foca no que é melhor para o paciente, alguém que reconhece sua responsabilidade enquanto um agente transformador do ambiente em que se encontra e que sempre se esforça para dar seu melhor no que faz. Me guiei muito por essa premissa e espero que possa ter inspirado outras pessoas da mesma forma como um dia eu fui também.

7 ADVERSIDADES

Logo no meu segundo ano de curso, em 2013 pude me deparar com os efeitos de uma precarização gradual na rede de saúde de São Carlos, o descaso da gestão municipal em expandir a estratégia de saúde da família, assim como a dificuldade em garantir uma boa estrutura física para que as unidades de saúde tivessem salas suficientes para que os alunos e profissionais de saúde pudessem realizar atendimentos. Setores da UFSCar também demonstravam diversas falhas que impactavam em nosso aprendizado, como o não pagamento de preceptores e o atraso nas obras da unidade de simulação da prática.

Esses foram alguns dos fatores que levaram a uma organização dos estudantes em prol da melhoria desse cenário. Esse movimento acarretou em uma greve estudantil no curso de medicina que durou quase 90 dias e mostrou a vontade que o corpo discente do possui de estudar de forma minimamente decente e com respeito aos pacientes.

Pareceu-me estranho ficar sabendo de tantos problemas de infraestrutura que o nosso curso apresentava e acumulara ao longo de anos e ao mesmo tempo presenciar alunos nossos apresentando ótimos resultados em provas e sendo elogiados nos estágios pelos quais passaram em outras universidades. Porém, pude observar que parte importante desse bom desempenho era resultado de uma grande dedicação dos nossos alunos, assim como a influência da metodologia do próprio curso, que incentiva o olhar crítico e a proatividade nos estudantes.

Minha passagem pelo curso de graduação também foi pontuada pela perda de dois de nossos alunos, sendo ambos pessoas próximas. Todo o estudo que tive sobre o processo de luto, a minha experiência ao lidar com a morte de pacientes que acompanhei, nada disso me preparou para a perda tão repentina de um dos meus melhores amigos. Eu acredito que em geral somos agraciados com duas famílias, a que nos é dada no nascimento e a que formamos ao longo da vida através dos laços com pessoas que escolhemos conviver. Eu já havia experienciado a perda de familiares, mas tinham sido mortes esperadas, processos graduais que nos deram tempo de acostumar com a ideia de que aquela vida estava terminando seu ciclo. A perda do Higor não foi algo esperado. Foi um processo muito doloroso e novo e hoje eu consigo ver como isso impactou quem eu sou. De qualquer forma fico feliz de perceber que ao me lembrar do Higor e do Ivan eu sempre tenho a imagem da alegria que eles tinham, e não da tristeza que eles deixaram.

No momento em que escrevo essa narrativa me encontro próximo ao final do sexto e último ano letivo e nos deparamos com uma pandemia que paralisou o curso durante meses (assim como paralisou o mundo, interrompendo diversas atividades em setores dos mais variados). Foi surpreendente acompanhar como tivemos de readequar tanto nossa rotina domiciliar como a própria estrutura de

atendimento hospitalar devido o advento da COVID-19, ao mesmo tempo em que ficava óbvio que em uma situação como essa os profissionais de saúde formavam a linha de frente no trato com esse tópico de importância global.

Acho muito importante essa passagem, pois nos coloca frente a riscos relativos à profissão que escolhemos, quando na maior parte do tempo o que se evidencia é seguridade, “*status*”, e ganho financeiro que se pode obter a partir dela.

8 CONCLUSÃO

Após tantos anos é até difícil acreditar que realmente estou prestes a me formar. Esse período foi responsável por tantas mudanças em quem eu sou e, espero eu, que me inspire a continuar seguindo o caminho que até então estou trilhando. Tornei-me mais ciente de mim mesmo, assim como dos outros ao meu redor, percebi a importância que cada pessoa causa aos que estão à sua volta. Aprendi a identificar minhas falhas e lidar com elas de forma sincera, assim como a valorizar minhas qualidades e utilizá-las da melhor forma.

Minha formação está longe de estar completa. Se tem algo que esse curso me ensinou é que a busca por conhecimento do profissional médico deve ser constante, e pretendo levar com orgulho o nome da Medicina UFSCar para todo lugar que eu possa ir.

Frente a esse novo momento me surgem muitas incertezas: devo prestar provas para uma residência agora ou devo trabalhar por um ano e juntar dinheiro? Prestando provas, em quais intuições devo focar? Caso não inicie uma residência médica nesse momento, devo trabalhar aonde? Basicamente não consigo ter planos para mais do que 2 meses no futuro, pois depois desse período o que me resta é incerteza. Porém, uma certeza que tenho é a de que não me arrependo nem um instante do momento em que decidi me matricular aqui e não trocava por nada tudo o que pude vivenciar nesses longos nove anos de graduação.

REFERÊNCIAS

COORDENAÇÃO DA GRADUAÇÃO EM MEDICINA. Caderno do curso de medicina. São Carlos: UFSCar, 2008. 110 p.

MOURA, Ananda Cristine Amador de et al. Estratégias de Ensino-Aprendizagem para Formação Humanista, Crítica, Reflexiva e Ética na Graduação Médica: Revisão Sistemática. *Rev. bras. educ. med.* 2020, vol.44, n.3, e076. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022020000300301&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 04 dez. 2020

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES 4/2001. Diário Oficial da União, Brasília, 9 de novembro de 2001. Seção 1, p. 38

COLEMAN, J.A. The dictionary of mythology: an a-z of themes, legends and heroes. Londres: Arcturus, 2007. p. 782